

PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO QUE SE REFERE AO ESTUDO DA RELIGIOSIDADE / ESPIRITUALIDADE

2019

Flávio Aparecido de Almeida

Graduado em Psicologia pela UNIFAMINAS.

Graduado em História pela UEMG.

Graduado em Pedagogia pela FINOM.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCAM.

Especialista em Neuropsicologia pela UCAM.

Especialista em Neuropsicopedagogia pela UCAM.

Especialista em Gestão de Saúde Mental pela UCAM.

Especialista em Psicologia Social pela INTERVALE.

Especialista em Ética e Filosofia Política pela INTERVALE.

.Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela UCAM.

Professor no curso de Psicologia na UNIFACIG.

.Mestrando em Ciências das Religiões pela FUV (Brasil)

Email:

flavio.a.almeida@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa busca descrever as interrelações da Psicologia da Religião com a espiritualidade e com a religião. A Psicologia da Religião é uma área que enfrenta desafios procurando realizar os pontos que a entrelaça com a espiritualidade e a religião, ao mesmo tempo que busca desvendar o homem, seus mistérios e essência. Acredita-se que a Psicologia da Religião tem sido uma área que vem contribuindo para a compreensão do fenômeno religioso, assim como o papel do homem nesse contexto. É preciso traçar um panorama sobre a presença da religiosidade no contexto psicoterápico e sua relação com o bem-estar psicológico do paciente, buscando compreender este cenário a partir do olhar do profissional psicoterapeuta.

Palavras-chave: Psicologia da religião, espiritualidade, religião.



Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

A religiosidade é um comportamento humano importante. Não lhe dar atenção, com a pesquisa e as habilidades teóricas na disciplina de psicologia, não faz sentido. Precisamos compreender os processos envolvidos na religiosidade porque o comportamento humano está ligado a ela, para o bem ou para o mal.

Dada a importância dos fatores religiosos no mundo de hoje, não há dúvida de que este é um dos temas mais importantes para se estudar. Isso, tanto na perspectiva da disciplina de psicologia enquanto ciência (se queremos realmente uma ciência de todos os comportamentos humanos), como tendo em vista nossa necessidade coletiva de resolver problemas no nível individual, cultural, intranacional e internacional. Sendo assim acreditamos na necessidade do estudo do tema, levando o psicólogo a aprofundar nos processos psicológicos na raiz da religiosidade.

Inicialmente a importância da pesquisa encontra-se em mostrar, pelo menos em parte, o cenário contemporâneo da Psicologia da Religião em nosso país e, ao mesmo tempo, estimular um maior diálogo das pesquisas aqui realizadas com aquelas que são realizadas em outros países, e vice-versa. É necessário que novos conhecimentos e reflexões possam ser produzidos em nossa própria realidade sociocultural, acerca de um tema ainda tão silenciado, discriminado e estigmatizado, que é a religião.

É importante a pesquisa para todos aqueles que desejem compreender melhor não só a especificidade do tema psicologia e religião, mas sobretudo àqueles que querem exercer uma psicologia mais atenta com a realidade psíquica daqueles que recebem os seus serviços no contexto de nosso país.

Acrescenta-se, também aqueles que se interessem por estudos comparativos entre culturas, buscando compreender em que e como a realidade psíquica dos brasileiros se aproxima ou se distancia da realidade psíquica das pessoas que vivem em outros contextos, em especial no que tange ao papel da religiosidade em suas vidas e relações.

Muitos trabalhos e estudos que se propõem a explorar a interface da psicologia com a religiosidade, e que tocam temas como as ciências da religião, a psicologia da religião, o



aconselhamento psicológico e o aconselhamento espiritual, entre outros, tem apontado a carência de um posicionamento teórico e metodológico das abordagens psicoterápicas e dos terapeutas quando o tema em questão se faz presente na clínica. A presença do sagrado ou as diversas manifestações de fenômenos ou experiências espirituais são muitas vezes ignoradas na prática da psicoterapia.

DESENVOLVIMENTO

A evolução da consciência humana ocorreu em diferentes ritmos através dos tempos, algumas vezes em saltos e outras de forma lenta. Nos últimos vinte anos o planeta iniciou talvez uma de suas mais profundas transformações desde o momento em que as primeiras bactérias supostamente provenientes de algum astro de um ponto longínquo do universo chegaram na Terra.

Enquanto assistimos a profundas e rápidas transformações no mundo, questionamos como podemos lidar com essas mudanças sem perder o foco espiritualista. Os espiritualistas compõem um grupo de pessoas que sentem a necessidade de preservar os valores atemporais do espírito, a liberdade e a possibilidade de ascensão ou expansão da consciência.

A espiritualidade por sua vez está relacionada com valores e significados, uma construção sustentada pela fé, não necessariamente religiosa, que implica uma referência ao sentido na busca de uma conexão com algo maior que si próprio, com o sagrado, mas que não necessariamente implica essa fé em um ser transcendente (GIOVANETTI, 2005).

Segundo Valle (2013) a espiritualidade se refere a uma expressão individual, como uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir, a qual pode ser caracterizada como uma necessidade psicológica inerente a todo ser humano em busca do porquê último da vida, pois só o espírito é capaz de descobrir um sentido para a existência.

No dizer de Peres e Simão (2007), a experiência humana é o foco no entendimento da espiritualidade. Já a religiosidade pode ser considerada como uma disposição individual e privada para o relacionamento com o mundo transcendente, ligada a uma religião organizada e institucionalizada.

Sanchez (2007), acrescenta que a espiritualidade está relacionada a um sistema aparelhado específico de sugestão de orientações que envolvem doutrinas compartilhadas por um grupo implicando numa referência ao transcendente.

Paiva (1998) descreve que a espiritualidade envolve práticas rituais e simbólicas, enquanto a religiosidade é uma experiência do sujeito, uma experiência individualizada do transcendente. Por isso pode-se afirmar que a religião é posterior à espiritualidade e uma manifestação dela.

Amatuzzi (2005) aponta que a maioria dos indivíduos, mesmo os que se consideram “sem religião”, declaram que acreditam em alguma forma de transcendente. Podemos então considerar esse sujeito, na verdade, religiosamente desinstitucionalizado, já que não adere mais a uma religião institucionalizada, mas reduz a religião a um sentimento pessoal, íntimo, não acompanhado pela participação em comunidades ou instituições religiosas.

Esse fator acaba expandindo o conceito de religiosidade e abarcando a experiência religiosa individual enquanto sentimento subjetivo e particular que descreve esse fenômeno, nos levando a considerar a religiosidade, de forma mais generalista, como a busca pelo transcendente. Ao mesmo tempo em que se trata de fenômenos distintos, eles podem, em si, ser complementares porque “se a espiritualidade me faz buscar o sentido para a minha vida, no encontro com a religiosidade, esta busca abarca também o além da vida, o último” (PAIVA, 2012, p. 74).

Por isso, o autor relaciona esse encontro entre espiritualidade e religiosidade com o sentido último da existência. Feitas as distinções, é importante entender o significado de cada termo, bem como os papéis complementares que eles exercem.

Do ponto de vista fenomenológico, podemos compreender o homem como uma complexa totalidade composta por três aspectos e existente em um campo. Assim, somos corpo, psiquismo (ou mente) e espírito (ou alma) e existimos em um determinado campo, isto é, em uma determinada geografia, uma determinada época, uma determinada cultura.

Como bem afirma Merleau-Ponty (1971, p. 210) “nosso próprio corpo está no mundo como o coração no organismo; ele mantém continuamente em vida o espetáculo visível, ele o anima e o nutre interiormente, forma com ele um sistema”. À vivência do corpo se denomina corporeidade; ela deriva da congregação, pela intencionalidade, das disposições genéticas, da sensorialidade e da sexualidade, entre outros aspectos. A corporeidade é a marca primeira de nossa existência, uma vez que antes de tudo somos corpo, ou seja, o corpo é nossa forma concreta e primeira de estarmos no mundo.

É da mente, ou psiquismo, que vem nossa capacidade de termos presentes a instintualidade, a percepção, as emoções, os sentimentos, a cognição, a inteligência, a memória, a atenção, que nos dão especialmente a possibilidade da apropriação da realidade e a construção do senso de identidade, o que também configura o comportamento.

É a espiritualidade que nos possibilita ter e hierarquizar valores, isto é, compormos uma ética própria; ela nos capacita ainda para as decisões, para a convivência com os outros e com o

transcendente, para a simbolização, para a reflexão profunda sobre a existência e sobre os impulsos psíquicos, e, fundamentalmente, é através dela que atendemos a necessidade que tem todo ser humano de tecer sentido para suas vivências cotidianas, para a própria vida e para a vida (ou o universo).

A função que mais nos interessa aqui é a espiritualidade, uma vez que é nela e através dela que as concorrências entre a psicologia e a religião acontecem, mesmo quando envolvem o corpo, a mente e o campo.

Dizendo de outro modo, podemos afirmar que no ser humano a concorrência entre a religião e a psicologia se dá na e através da espiritualidade. Por exemplo, é ela que nos possibilita a compreensão e a vivência da diferença entre o profano e o sagrado, dado que é nela que eles convergem para se diferenciar.

No que diz respeito ao indivíduo, ao campo do profano podemos atribuir, ainda que grosso modo e sob o risco de generalização excessiva, uma certa racionalidade ou cientificidade, a busca da compreensão e da explicação do mundo sem a recorrência a entes ou eventos transcendentais. Ao campo do sagrado corresponde a religiosidade, a vivência pessoal da religião, que busca o sentido para o cotidiano, para a vida e para o universo através da concepção ou do contato com o transcendente. Aqui me é importante salientar que a religiosidade é uma das facetas da espiritualidade, não devendo ser identificada com seu todo (PAIVA, 1998, p. 147).

Por ser ponto de confluência, a espiritualidade favorece, basicamente, duas formas em que essa concorrência pode se dar, uma que podemos chamar de saudável, e outra, que pode ser qualificada como patológica. Para compreendermos essa diferença é preciso que, antes, possamos definir, ainda que muito sucintamente, a laicidade, pois é ela a balança que nos permitirá ponderar se determinada confluência tende mais para a saúde ou para a patologia. Como a laicidade deriva da secularização do mundo, vamos partir desta para compreendermos aquela.

O termo secularização deriva de secular e, em linguagem eclesial, quer dizer profano, mundano, relativo ao mundo, quer dizer, desmagizado. Sob o ponto de vista mais comumente aceito hoje e cuja origem remonta a Max Weber, a secularização é um processo que, principalmente desde a Idade Média, marca a ruptura entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna e que se dá através da ampliação das matrizes de valor, descentralizando a religião marca uma ampliação das instâncias que conferem sentido ao real, tarefa praticamente exclusiva da religião até então.

Esse desencantamento tem, fundamentalmente, três eixos: diferenciação, racionalização e mundanização (Paiva, 2012). A diferenciação permitiu ao homem ocidental o princípio mais básico

da laicidade, a separação da religião de outras instituições, como a política e a economia, por exemplo.

A racionalização de que se trata aqui diz respeito principalmente à esfera dos valores, os quais, com o processo de secularização, caminham de outorgados a refletidos e relativamente independentes de orientação ou controle religioso. Esses dois processos levam a uma desmitologização na cultura e “acabam por fazer com que a religião se torne mais mundana, demarcando o processo de mundanização” (Paiva, 2012, p. 46).

Entendo que a laicidade é decorrente da secularização e significa o exercício de escolhas de forma relativamente independente da religião, embora em possível diálogo com ela. Na laicidade, a religião passa a ser algo privado, não público, isto é, cada pessoa pode professar a religião que quiser, não sendo mais obrigada a seguir a religião do país, do rei, ou do senhor regional, como acontecia na Idade Média (e até um pouco além dela) em alguns recantos do mundo ocidental (CROATO, 2010).

Dessa maneira, com a laicidade a sociedade acaba por ser capaz de dar continência às mais diversas religiosidades. Além disso, por causa do processo de des-magização, a religião não mais dirige a política, a arte, a economia, o erotismo ou o rumo da ciência, o que abre amplas portas para a laicidade, embora não implique em que a religião seja excluída, mas que ela se torna mais um dos vetores que configuram o mundo, não mais O vetor.

A psicologia nasce do processo de laicidade e tem a proposta de ser um trabalho laico que se abre para o diálogo com a religião.

No código de ética profissional do psicólogo brasileiro, a laicidade da psicologia é cláusula pética, mas se compreende que a defesa da laicidade não implica na negação da possibilidade de que as pessoas, individualmente ou em grupos, desenvolvam maneiras de buscar relacionar-se com o sagrado. Pelo contrário, se bem compreendida, a laicidade abre espaço para a liberdade da vivência e da manifestação da religiosidade de cada pessoa e, assim, abre consistente espaço para o respeito e a valorização dessa diversidade nos atendimentos psicoterápicos.

Por sua vez, é essa atitude respeitosa ante a diversidade que possibilita o diálogo entre os saberes ligados ao mundo do profano e os ligados ao mundo do sagrado – religiões e saberes tradicionais em diálogo com a ciência ocidental.

Muitos trabalhos e estudos que se propõem a explorar a interface da psicologia com a religiosidade – e que tocam temas como as ciências da religião, a psicologia da religião, o aconselhamento psicológico e o aconselhamento espiritual, entre outros – tem apontado a carência de um posicionamento teórico e metodológico das abordagens psicoterápicas e dos terapeutas quando o tema em questão se faz presente na clínica. A presença do sagrado ou as diversas

manifestações de fenômenos ou experiências espirituais são muitas vezes ignoradas na prática da psicoterapia.

CONCLUSÃO

Diante das colocações abordadas no artigo confirma-se que a religião é vista (por sociólogos e antropólogos e demais áreas, como uma instituição, um importante elemento cultural que é definido em termos de algum grupo supra individual, categoria ou organização, uma igreja, seita ou culto; os “crentes”, os “escolhidos”. Esta coletividade tem uma história que justifica a sua existência, e essa história está associada a doutrinas teológicas; a Bíblia ou outros escritos sagrados; e os dogmas, liturgias, rituais e quaisquer práticas e crenças da igreja que o grupo considere espiritualmente significantes.

De um ponto de vista psicológico, é este o contexto para a expressão religiosa individual. É a base das crenças religiosas de um indivíduo, bem como a referência para o pensamento e comportamento aceitável ou inaceitável, que todos os sistemas religiosos defendem como o fundamental para viver “a vida correta”.

Quanto mais importante é algo para uma pessoa, mas ele a personaliza e encontra formas de distinguir as suas ideias das perspectivas dos outros. As diferentes abordagens à religião mostram alguns desses aspectos, evidenciando, ao longo da história, a importância da religiosidade, tanto individual como culturalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

ÁVILA, A. **Para conhecer a psicologia da religião**. São Paulo: Loyola, 2007.

BELZEN, Jacob. Constituição histórica da psicologia científica da religião. In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

CROATTO, José Severiano. **Uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo, Paulus, 2005.

MELEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

PAIVA, Geraldo. Estudos psicológicos da experiência religiosa. **Temas em Psicologia**, vol. 6, n. 2, p. 115, 1998.

PAIVA, G. J. et al. **Psicologia da religião no Brasil**: a produção em periódicos e livros. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, DF, v. 25, p. 441-446, 2012.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 136-145, 2007.

SANCHEZ, Z. S. A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Rev. Psiq. Clin.**, v. 34, supl. 1, p. 71-81, 2007.

VALLE, Edênio. Introdução à Parte II. In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

